

**Expresso**

/ E

19-02-2021

Periodicidade: **Semanal**

Classe: **Informação Geral**

Âmbito: **Nacional**

Página(s): **1,10**

# António Saraiva pede estratégia “para lá da crise”

**O presidente da CIP  
pede ao Governo o reforço  
dos apoios às empresas  
e um pacto social para  
o crescimento**

António Saraiva escreveu esta semana uma carta a todos os empresários associados da CIP. A missiva, a que o Expresso teve acesso em primeira mão, fala na “crise profunda em que nos encontramos”, pede ao Governo um reforço das medidas de apoio e salienta que é preciso que Portugal “reaja e que, finalmente, concretize uma verdadeira estratégia de desenvolvimento”. E10



## António Saraiva pede estratégia ao Governo “para lá da crise”

O presidente da CIP pede reforço dos apoios às empresas e pacto social para o crescimento

Texto SÓNIA M. LOURENÇO

Com o ano de 2020 a deixar consequências económicas e sociais “profundas” no país e a recuperação em 2021 a “prever agora comprometida pelos impactos da terceira vaga de covid-19 e o novo confinamento”, António Saraiva, presidente da Confederação Empresarial de Portugal — CIP, escreveu esta semana uma carta a todos os empresários associados. A mensagem, que passará a ser enviada todos os anos, em janeiro, fala na “crise profunda em que nos encontramos”, pede ao Governo um reforço das medidas de apoio e salienta que é preciso que Portugal “reaja e que, finalmente, concrete uma verdadeira estratégia de desenvolvimento”.

A mensagem é clara. “Portugal não pode conformar-se com o crescimento acromático das últimas duas décadas, em que ano após ano somos ultrapassados no ranking europeu do produto interno bruto (PIB) per capita”. Por isso, defende que 2021 “é a oportunidade para darmos um ‘abandó’ ao nosso modelo de crescimento, à forma como é visto o mundo dos negócios e nos tornarmos um país mais competitivo”, frisando que “a atribuição está muito longe de ser o regresso ao passado; o objetivo é um novo ciclo de desenvolvimento sustentável”. Nesse carta a que o Expresso teve acesso em primeira mão, “esta carta é um toque a rebato aos empresários para que não desistam, que nós estamos aqui a defender os seus interesses, estamos com ideias e mostramos as exigências que estamos a fazer”, destaca ainda António Saraiva, ao Expresso.

A CIP considera essencial uma abordagem em dois planos. O primeiro passa pelas medidas temporárias, de carácter excepcional, de apoio às empresas e às famílias e de estímulo extraordinário à economia. O segundo assenta em medidas de médio e

longo prazo, dirigidas “ao enorme esforço de investimento que a recuperação exige, à aposta na qualificação dos recursos humanos e na adequação às necessidades do mercado de trabalho, a um ambiente de negócios mais favorável à atividade empresarial e ao adequado posicionamento de Portugal nas tendências de competitividade”, frisa a mensagem. E a CIP tem propostas e exigências para o Governo nestes dois planos (ver caixa).

Olhando para as medidas temporárias de curto prazo, “Portugal aparece sistematicamente nos estados com os melhores da Europa com melhores apoios orçamentais para combater a crise decorrente da covid-19”, lê-se na mensagem. Ao Expresso, António Saraiva frisa que “apreciamos as medidas que o Governo tem lançado, mas criticamos o seu montante e a pouca rapidez, o atraso com que chegam ao terreno. É essa rapidez que exigimos ao Governo”. Por exemplo, as medidas de apoio à recuperação das empresas “ainda não chegaram ao terreno. O país não pode ser uma leitaria”. António Saraiva recorre à metáfora de uma corrida de autómotores: “No final da crise, outros vão partir da *pole position*, porque tiveram ajuda reforçada às suas estruturas empresariais, e nós partimos atrás”.

“Apesar de tudo, as empresas conseguiram manter os postos de trabalho. Tem-se mantido, sabe Deus como, esgotando as alternativas que tinham”, vincia Saraiva, revelando relatos de empresários “que já gastaram o que tinham e que não tinham, e estão a manter os postos de trabalho. Mas, isto no limite. Se não lhes chegarem as ajudas solicitadas, não vão conseguir manter as portas abertas”.

**Olhar para o futuro**

“Tão ou mais importante do que avaliar a situação e propor medidas no imediato é o futuro. É preciso ter uma estratégia de desenvolvimento e olhar o país

### TRÊS PERGUNTAS A

#### António Saraiva

Presidente da CIP

#### Como vê as medidas de apoio à economia?

Portugal compra muito mal. Temos o Governo, muito interessado em salvar a TAP, que é importante, mas, veja-se o valor que se está a correr para a TAP comparativamente com a economia em geral. Muitas empresas são igualmente importantes. Veja-se que se encontram para a TAP medidas extraordinárias, com estes acordos em que os próprios sindicatos participaram, que nas empresas privadas não são possíveis, porque a legislação e os sindicatos não permitem. É a reestruturação empresarial que é necessária. Empresas que perderam uma parte significativa da fatuagem têm de fazer reestruturações a todos os níveis.

#### Mas houve apoios fortes à manutenção do emprego.

Louvamos as medidas do Governo. Lançamos e o atraso com que chegam ao terreno. Os empresários receberam as apoios com cinco ou seis meses de atraso e têm de manter os postos de trabalho. Foram os empresários, com o esforço deles e a sua resiliência, que os mantiveram.

#### Na Europa, fala-se em industrializar. Acredita?

Não basta falar, é preciso tomar firme esse objetivo, dar condições às empresas, promover fundos e concentrar as nossas empresas, porque o nosso tecido empresarial é muito fragmentado por muito e pequenas empresas. E as grandes empresas têm também de ser acanhadas.

### AS PROPOSTAS DA CIP

#### Linhas de crédito

Revisão da linha de crédito com apoio a fundo perdido, aumentando para € 9 mil milhões, elevando a taxa de fundo perdido e decimando positivamente as empresas mais exportadoras.

**Atenuação das linhas de crédito Covid2020**, passando os contratos para oito anos, com dois anos de carência.

#### Moralizarias

Prorrogamento para lá de setembro de 2021.

#### Banco de Fomento

Plena atuação, com instrumentos de capitalização das empresas a avançarem no primeiro semestre de 2021.

#### Pagamentos de Estado

Cumprimento dos prazos contratualizados.

#### Qualificações

Os detalhes da qualificação e da requalificação exigem políticas públicas que promovam o reforço das competências digitais nas empresas.

#### Fundos europeus

Taxa forte de acompanhamento dos fundos europeus que inclua as confederações patronais.

#### Pacto social para o crescimento

Um compromisso sob a forma de um pacto na concertação social que inclua política de rendimentos, meios de competitividade, incluindo o fiscal, pessoas e mercado de trabalho, coesão territorial, ambiente e sustentabilidade.

para lá da crise”, vincia António Saraiva. Por isso, a CIP está a “preparar um documento estratégico que convoke a todos para a necessidade de assumirmos, de uma vez por todas, a necessidade de o país ganhar competitividade, prosseguir o desenvolvimento, ter mais emprego, investimento e emprego”, escreve na mensagem aos empresários. Um documento que conta apresentar em abril.

É preciso olhar para milhares vertentes. António Saraiva refere “o problema de dimensão das nossas empresas, que têm de entrar em ciclos globais de abastecimento, cimentar o seu lugar nas regiões para onde já exportamos, encontrar novos mercados onde os nossos produtos e serviços sejam apetecíveis, incorporar inovação e fazer um caminho de acrescentar valor aos nossos produtos”. O que exige investimento. Mas “o capital próprio das nossas empresas compra mal com as suas congéneres europeias e muitas empresas estão demasiado assentes em endividamento”. Ora, “a crise vem prejudicar ainda mais os estímulos fiscais, mas não podemos ficar reféns da situação financeira. Outros países, mesmo da União Europeia, encontraram estímulos fiscais para determinadas tipologias de empresas e determinações setoriais”.

Saraiva defende “um pacto social para o crescimento, que inclua a política de rendimentos, os meios de competitividade, e a política fiscal, revisando a política fiscal e dando-lhe previsibilidade”. E remata: “Temos de fazer o caminho de uma nova especialização do nosso modelo de desenvolvimento. Isto exige estratégia e a aposta na diversificação de setores. Não podemos assentar num único setor, como tem acontecido com o turismo. Queremos que o ministro da Economia seja o arquiteto da recuperação e as empresas falem, como têm feito, o seu trabalho”.

antonioc@expresso.pt